



Em julho, vai fazer 60 anos que representantes de 44 países, incluindo o Brasil, se reuniram numa pequena cidade do Estado americano de New Hampshire para tentar criar mecanismos que livrassem o mundo de crises globais. FMI e Banco Mundial nasceram ali. Sexagenárias, ambas as instituições já não atendem ao espírito que orientou a sua criação e estão sob intenso bombardeio. Alguns marcos daquele encontro, como o padrão-ouro, a que Keynes se opunha, já não existem mais.

Por Sílio Boccanera

LONDRES - Um espião de Moscou, um futuro ministro brasileiro e um dos maiores economistas da história participaram de um encontro que, 60 anos atrás, moldou a economia internacional no formato que, com pequenos ajustes, se mantém até hoje. O espião era o americano Hany Dexter White (leia texto), assessor do secretário do Tesouro dos Estados Unidos, Henry Morgenthau, e membro mais atuante da delegação de seu país. O brasileiro chamava-se Roberto Campos, então um jovem diplomata na embaixada de Washington. E o economista, representando o Reino Unido, era o gigante - em talento e estatura física John Maynard Keynes. Local do encontro: a pequena cidade de Bretton Woods, no Estado americano de New Hampshire. Data: julho de 1944. Participantes: delegações de 44 países, entre os quais o Brasil, que enviou 12 pessoas, do chefe Arthur de Souza Costa, então ministro da Fazenda, aos economistas Otávio Gouvêa de Bulhões e Eugênio Gudin

Vivia-se ainda o clima de guerra, a invasão aliada da Normandia (Dia D) tinha só um mês de lançada, mas a preocupação com a nova ordem econômica mundial já inspirava discussões sobre a melhor maneira de evitar as disputas financeiras dos anos 20 e 30, dominadas por protecionismo comercial e desvalorizações contínuas de moedas para ganhar vantagens na concorrência.

O plano imediato, já definido em reuniões preparatórias, era estabelecer taxas de câmbio fixas (admitindo-se apenas pequenos ajustes) e, aos poucos, ir eliminando os controles criados durante a guerra sobre movimento de capital e trocas de moeda entre países. Como resultado da reunião, o dólar se impôs como moeda internacional e de reserva, criou-se o Fundo Monetário Internacional (FMI) para reger as finanças mundiais após a Segunda Guerra Mundial e fundou-se um banco - mais tarde chamado de Mundial - para ajudar na reconstrução dos países afetados pelo conflito bélico ainda em andamento.

As propostas de Keynes, que muitos até hoje consideram criativas e geniais, foram atropeladas pelos planos da (já) superpotência da época, os Estados Unidos. Como delegado do Reino Unido, Keynes representava um país admirado pela resistência aos nazistas, mas à beira da falência e sem cacife para impor uma nova ordem econômica internacional que não agradasse a Washington. Pius ca change...

O FMI já nasceu moldado pelo Tesouro americano para impor disciplina fiscal a países que se vissem atrapalhados com balanço de pagamentos. Taxas de câmbio foram fixadas então em referência ao dólar e iriam servir de base às transações internacionais até os anos 70, quando implodiram - e isso é história para mais à frente.

O novo banco surgido do encontro para reconstruir os países destruídos pela guerra virou alvo de interesse de nações pobres que tinham sido poupadas dos danos físicos do conflito armado, mas também queriam financiamentos para se desenvolver. Assim, sob pressão da delegação mexicana, o Banco Internacional de Reconstrução ganhou mais uma palavra - Desenvolvimento - e virou Bird. Aos poucos, o nome que se consagrou permanece até hoje: Banco Mundial.

AS ESTRELAS DE BRETTON WOODS

John Maynard Keynes
Intelectual britânico, um dos grandes economistas de todos os tempos, autor de respeitados trabalhos teóricos sobre economia e finanças internacionais e conselheiro do governo do Reino Unido. Chegou a Bretton Woods preparado para dar uma contribuição significativa à nova ordem econômica do pós-guerra, mas, como representante de um império enfraquecido e endividado, foi atropelado pelo poder e pelos interesses da nova potência dominante: os Estados Unidos.

Henry Morgenthau
Secretário do Tesouro americano. O novo árbitro da economia mundial no último ano da Segunda Guerra, quando os Estados Unidos se impunham pela robustez de sua economia, diante de um mundo despedaçado pelo conflito armado. Era a voz política de Washington no encontro de Bretton Woods, mas deixou a condução prática das negociações em mãos de seu hábil assessor Harry Dexter White, que negociou com Keynes.

Harry Dexter White
Além de Keynes, que chegou ao encontro com prestígio e talento, mas sem poder, White foi a personalidade de destaque em Bretton Woods, porque, habilmente, conseguiu derrubar as propostas do colega britânico e impôs aos delegados de 44 países a vontade de Washington sobre o molde econômico que o mundo capitalista deveria adotar quando acabasse a Segunda Guerra. A controvérsia maior sobre White foi sua surpreendente conexão com Moscou.

Mudou tudo - Keynes era contra a adoção do ouro como base da moeda ("uma relíquia bárbara"), mas teve de aceitar a posição oposta de White, que dizia não conceber a incapacidade de se trocar dólar por ouro. Nem ele nem Keynes viveram o suficiente para ver um país rico anunciar ao mundo que não ia mais trocar dólar por ouro: os próprios Estados Unidos, em 1971.

Mais radical e inovador, no entanto, era o plano de Keynes para criar o que chamava de União Internacional de Compensação - esta última palavra entendida em seu significado bancário. Seria um banco onde todos os países manteriam suas contas de comércio externo (importação e exportação). O déficit ou superávit de cada um seriam representados por uma moeda internacional que ele propunha criar para esse banco.

A novidade na proposta é que um país pagaria juros não só pelo déficit, como se faz com cheque especial nos bancos brasileiros atualmente, mas também pelo superávit na balança comercial. O que Keynes pretendia era criar um incentivo para que todos os países zerassem suas contas ao fim de cada ano, evitando não só déficits - como cada país sempre deseja -, mas também superávits. Essa era a inovação dele. Quem se encontrasse com saldo positivo precisaria zerar sua conta, o que seria feito reinvestindo nos países que estivessem no vermelho.

"Uma ideia de gênio, vista na época por economistas do mundo inteiro como solução para o problema da dívida externa dos países e do poder que as nações ricas exercem sobre as pobres", diz à Primeira Leitura o analista britânico George Monbiot, autor do livro *The Age of Consent* (programado para

ser lançado no Brasil neste ano pela editora Record). Por que não foi aprovado? Segundo Monbiot, o plano, que Keynes levou 13 anos desenvolvendo, "foi esmagado pelos Estados Unidos", que tinham superavit gigantesco no período e só admitiam penalizar nações em dívida, não em crédito. "O resultado foi o que muitos economistas previram na época: a dívida dos países pobres cresceu, e o poder dos países ricos aumentou", diz Monbiot.

O sistema de Bretton Woods funcionou, sem maiores atritos, nos anos 40 e 50, mas começou a sofrer pressão na década de 60, quando os Estados Unidos começaram a entrar em déficit de conta corrente, processo acelerado pelas despesas com a guerra no Vietnã. O governo francês do general Charles de Gaulle acumulava dólares e exigia de Washington a troca por ouro, conforme acertado em Bretton Woods. Em 1971, o então presidente Richard Nixon, sentindo a pressão sobre a economia americana, implodiu o mecanismo: desvalorizou o dólar em 10% e anunciou o abandono do padrãoouro. Ou seja, o Tesouro americano não trocaria mais sua moeda pelo valioso metal. Mais dois anos, e outro pilar de Bretton Woods ruiria: as taxas de câmbio passaram a flutuar.

E como flutuaram! Do iene na Ásia ao franco, marco e libra na Europa, desequilíbrio geral. Apelos a Washington para intervir no mercado de câmbio e controlar o processo bateram em ouvidos surdos e até desprezo de autoridades como o ortodoxo secretário do Tesouro, George Schultz, que ainda debochou: "Papai Noel morreu". Os Estados Unidos derrubaram então outra peça-chave de Bretton Woods ao eliminar o controle oficial do movimento internacional de capital. Enquanto o câmbio entrava em parafuso, a inflação disparava nas economias avançadas (a periferia em desenvolvimento, como de hábito, nem apitava nas decisões dos grandes).

Em meio a esse clima, estoura a guerra de 1973 no Oriente Médio, entre árabes e judeus, e os Estados Unidos apoiam Israel. Os países árabes, produtores de petróleo, já irritados com a desvalorização do dólar que recebiam por sua mercadoria, decidem quintuplicar o preço do barril. Sufoco nas economias ocidentais, mais inflação, mais desequilíbrio financeiro.

★ O BRASIL EM BRETTON WOODS

Eugênio Gudín, do Conselho Financeiro e Econômico e do Comitê de Planejamento Estratégico

Arthur de Souza Costa, ministro da Fazenda e chefe da delegação

Francisco Alves dos Santos-Filho, diretor da área de câmbio do Banco do Brasil

Valentim Bouças, da Comissão de Controle dos Acordos de Washington e do Conselho Financeiro e Econômico

Octavio Gouvêa de Bulhões, da Divisão de Estudos Econômicos e Financeiros do Ministério da Fazenda

Victor Azevedo Bastian, diretor do Banco da Província do Rio Grande do Sul

Roberto de Oliveira Campos, segundo-secretário, embaixada do Brasil em Washington.

Aguinaldo Boulitreau Fragoso, assistente do ministro de Relações Exteriores, secretário-geral do grupo

Zeuxi Ferreira Neves, assistente técnico do conselheiro comercial da embaixada brasileira em Washington

Charles Freligh, da embaixada brasileira em Washington

Santiago Fernando, do Banco do Brasil

R. R. Vieira, da delegação do Tesouro brasileiro em Nova York

Daniel Máximo Martins

Crises - O Reino Unido joga a toalha em 1976 e pede ajuda ao FMI, passando

pela humilhação (tão conhecida do Terceiro Mundo) de submeter suas contas a um organismo internacional que impõe condições para emprestar dinheiro

e passa a supervisionar a economia da nação tomadora de recursos. Foi o último país industrializado a apelar ao FMI, que, daí em diante, passou a ter a atenção desviada quase exclusivamente para o mundo em desenvolvimento.

Motivo: os árabes receberam tantos dólares com o petróleo mais caro (e o preço do barril subiria mais ainda em 1979), que não tinham como gastar tudo e depositaram a nova fortuna em bancos privados mundo afora. Estes, por sua vez, recheados, saíram oferecendo empréstimos fartos a quem quisesse, sem examinar muito a capacidade de cada país em pagar as dívidas, sempre atreladas aos juros americanos.

Quando Paul Volcker, então diretor do banco central americano, o Federal Reserve, decidiu combater a inflação em seu país na base do porrete, jogou para as nuvens a taxa de juros. Surtiu efeito antiinflacionário desejado

dentro de casa, mas provou cataclismo em outra ponta: os países que tinham tomado os tais empréstimos dos petrodólares não conseguiam pagar os novos juros altos do Fed. O México foi o primeiro a pedir água: em agosto de 1982, anunciou moratória da dívida externa. Brasil e outros completaram a reação em cadeia. Pânico dos bancos privados, que tinham emprestado tanto dinheiro e não viam perspectivas de receber.

FMI e Banco Mundial entram em cena novamente, já despedidos de suas funções originais de Bretton Woods. Na tentativa de se adaptarem à nova realidade financeira do mundo, transformaram-se em administradores de crises. Dessa vez, não se tratava apenas de salvar os países endividados - que, na verdade, estavam apenas bloqueados no acesso a mais dinheiro. Mais difícil talvez era a situação dos bancos privados, com bilhões a receber de governos que anunciavam não ter condições de pagar.

Tem origem aí a linha mais severa de críticas às instituições de Bretton Woods porque, apesar de já virem adotando um receituário conservador na concessão de empréstimos, tornaram mais rigorosas suas exigências para socorrer os sufocados. Impuseram uma austeridade que seus críticos denunciam mais como estrangulamento, pois impede crescimento da economia na hora em que precisa mais. As vantagens vão para os países ricos, o Tesouro americano e o sistema bancário privado internacional, que passa a ter melhores condições de receber o que lhe devem.